

Celeste Natário

O PENSAMENTO FILOSÓFICO DE RAUL PROENÇA

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2005

À memória
de EDUARDO ABRANCHES DE SOVERAL

A vida é breve, a arte longa, a ocasião fugaz, a experiência duvidosa, o julgamento difícil.

«*Corpus Hippocratium. Aforismo I*»,
in MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA,
Hélade, p. 215.

PREFÁCIO

No horizonte cultural da mediação histórica concreta do ser que somos e do ser de que somos parte integrante, caminheiros de uma estrada onde nos encontramos com diversos pensadores que ao longo da marcha histórica da humanidade procuraram encontrar respostas para o «Quem somos?», «De onde vimos?», «Para onde vamos?», «Qual o sentido e o porquê da nossa existência e do mundo?», deparámo-nos com Raul Proença, figura quase desconhecida do pensamento filosófico em Portugal.

Tendo sido esta dissertação elaborada num contexto de natureza profissional académica, não foi porém por causa dela que se deu o encontro com este pensador. Desde o começo dos anos 80 do século findo, em época bem anterior à do início deste trabalho, tínhamos sido atraídos pelo pensamento do autor que havia redigido um manifesto para apresentação ao público da Associação Renascença Portuguesa, o que nos levou logo depois a uma investigação mais detalhada da obra deste homem que escrevia em A Águia, Seara Nova e muitas outras publicações do seu tempo. O interesse despertado por estas primeiras leituras levou-nos assim a contactar com toda a sua obra, publicada e inédita, ao mesmo tempo questionando-nos sobre as razões do desconhecimento quase total de tão corajosa, ilustre e profunda figura da nossa cultura e pensamento filosófico.

Estudioso, professor, jornalista, intelectual político, doutrinador, polemista, bibliotecário, filósofo, Raul Proença exerceu de forma apaixonada a vocação do encontro e do confronto com tudo o que a vida lhe reservou e a existência o convocou a reflectir. Todavia, o nosso encontro foi primeiro e acima de tudo com o filósofo, ainda que não seja possível separá-lo das restantes vertentes do seu pensamento, por serem imprescindíveis para uma visão global da sua filosofia e acção. Cada uma delas faz parte da dimensão estruturante do seu pensar, pelo que redutor seria não aceitá-las como constitutivas, isolando-as do conjunto em que ganham sentido.

O essencial deste trabalho¹, como o seu título indica, não está em espartilhar esse pensamento, mas no objectivo de pôr em destaque as suas linhas filosóficas fundamentais, procurando-as, também, por entre os textos de teor doutrinário, político ou outros, num espírito de humildade, com vista à fidelidade e autenticidade do pensador que fez naturalmente dessas vertentes momentos imprescindíveis da sua vida e reflexão.

A contingência e a finitude foram ingredientes da sua massa de humano numa viagem efémera, como todas as viagens designadas como vida, da qual Proença, com todas as consequências, não quis abdicar. Na sua travessia do deserto, ele elegeu a vida como culto e a liberdade como paixão, mesmo e sobretudo com a consciência das dificuldades resultantes do seu confronto com a Esfinge que procurou desvendar com a razão, o sentimento e o coração.

Se a filosofia se pode entender como uma busca e um caminho para desvendar e aquietar espíritos intranquilos e inquietos, então Proença foi um homem a quem cabe inteiramente o epíteto de filósofo. Em oposição à acomodação e à coisificação, a sua intranquilidade, ditada por uma consciência de «moscardo», levou-o desde o positivismo aos mais intensos estudos sobre o Eterno Retorno, na luta por uma imortalidade desejada, que o fez chegar a Deus como exigência da razão e, sobretudo, do coração.

A sua reflexão metafísica e religiosa, que o tempo de meditação lhe permitiu amadurecer, fê-lo ascender e descender à sua intimidade mais viva numa odisséia de profunda espiritualidade e recolhimento, de que são exemplos sobretudo os seus escritos particulares, desde 1927 à Primavera de 1941, data da sua morte.

Mais de sessenta anos decorridos sobre o seu desaparecimento, Proença carece de quem lhe estude o pensamento filosófico. Esta foi a tarefa que nos atraiu e a aposta em que investimos nas páginas que se seguem, num trabalho que não deixou de defrontar-se com dificuldades, sobretudo as inerentes às fontes manuscritas, a que dedicámos grande parte do tempo de pesquisa e que constituíram condição sine qua non da própria investigação desenvolvida. Aliás, o volume de anexos, com cerca de 2000 páginas, que foi apresentado na defesa da dissertação constitui e justifica isso mesmo. Contudo, e por razões diversas, sobretudo pela grande dificuldade de transcrição integral da grande maioria dos textos manuscritos, tarefa que demoraria muito tempo, e cujo sentido será maior e mais justificado princi-

¹ Este trabalho constituiu a tese de doutoramento em Filosofia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em 25 de Julho de 2002.

palmente para a publicação autónoma desses textos, impediu a sua inclusão. Aqui, apenas incluímos a transcrição do manuscrito «Pensamentos» (1905) e parte da correspondência do autor com dois dos seus amigos, Ferreira de Macedo (1927, 1940) e Rocha e Cunha (1940), por as considerarmos imprescindíveis para a fundamentação das teses que defendemos.

Partindo da personalidade multifária e fascinante do pensador cuja mundividência do tempo o levou a um ideário pluridimensional, alicerçado na comum expressão de um paradigma antropológico e humanista, em que o seu pensamento se pode arrumar por múltiplas gavetas — de forma assistemática e dispersa, fragmentada e aparentemente desarrumada —, obrigou-nos a natureza da sua obra a um trabalho preliminar de análise global, que nos levou a uma exaustiva pesquisa e selecção dos inúmeros textos publicados nos mais diversos jornais e revistas, de acesso nem sempre fácil.

Sem recurso a qualquer alternativa metodológica, a não ser a comparativa, passo a passo, fizemos a possível leitura integral dos manuscritos, muitos excertos revelando-se ilegíveis devido à forma de escrita do autor. Esta foi para nós a tarefa mais penosa e a de maior frustração, de que nos ficou muitas vezes a impressão de nos encontrarmos perante verdadeiros obstáculos epistemológicos, tornados insuperáveis para concluir determinadas ideias, obrigando-nos a correr os riscos de, numa espécie de vazio, sermos levados a imaginar o que se nos tornava imperceptível. Acresceu ainda a estas dificuldades a descoberta de certos escritos, às vezes com duas ou três linhas, que nos pareciam revestir-se de grande significado por certas ideias que eram apenas a floradas, mas não desenvolvidas e muito menos conclusivas, obrigando-nos a tentar encontrar noutra qualquer e avulso pedaço de papel algo que nos permitisse colmatar a falha anteriormente sentida.

A nossa tarefa foi, por isso, muitas vezes perpassada por uma espécie de sentimento sisifiano, mas sempre com a esperança de nos aproximarmos do nosso objectivo, isto é, encontrar nos desarrumados escritos da gaveta do pensamento filosófico de Raul Proença as suas ansiedades metafísicas e religiosas, para as quais o seu espírito procurava soluções. Nessa gaveta, onde a fundamentação final do nosso trabalho se alicerçou, estavam os manuscritos e a correspondência do pensador inquieto e ansioso às voltas com a existência de Deus e a luta pela imortalidade, questões finais a que o autor intentou responder nos últimos textos que redigiu, embora tivesse deixado pairar sobre elas, em termos públicos, alguma penumbra, para cuja dilucidação contribuem os seus manuscritos privados, particularmente a correspondência com alguns amigos, testemunhos inéditos e dos mais importantes para o conhecimento da sua biografia íntima.

Estamos perfeitamente conscientes de que o nosso tributo para uma visão do pensamento filosófico de Raul Proença não deixa de ser um estudo que pode servir, sobretudo, para levantar novos problemas, bem como para deixar sugestões e abrir perspectivas para outras pesquisas e ulteriores aprofundamentos.

De resto, são os próprios textos do autor, na sua maioria desconhecidos, depositados no seu espólio confiado à Biblioteca Nacional, que em boa parte mais problemas levantam, pela sua difícil leitura, abrindo mais perspectivas que soluções, não impedindo mesmo assim, ou sobretudo até por isso, um convite para o seu desvendar. Referimo-nos em especial ao filósofo, fundamentalmente a partir de 1927, num confronto com as respostas de natureza metafísica e religiosa, ainda que outras dimensões do seu pensamento aí se possam encontrar.

Ao plano metodológico seguido neste trabalho presidiu em parte uma metodologia de certo modo sugerida pelo nosso autor. Esse caminho e método foi o de partir do corpo para a alma, da matéria para o espírito, da terra para o céu, da sombra para a luz, do menor para o maior.

A leitura integral possível dos manuscritos, assim como a leitura dos textos restantes, foi feita por ordem cronológica da sua produção, com a preocupação essencial de captar todos os sinais possíveis que permitissem revelar o pensador. A segunda preocupação foi a busca do sentido evolutivo do seu pensamento, sobretudo na vertente metafísica e religiosa que se ia desvelando, pese embora as contradições e aporias decorrentes de um pensamento vivo e dinâmico, nunca dado como feito nem coisificado, sendo disso prova e consequência as contradições entre as razões da razão e as do coração, contradições que pensamos serem mais aparentes do que profundas, tendo em conta a vida humana tal como a encarou.

A introdução, «O homem na sua circunstância», com que iniciamos este trabalho, encarna o objectivo de dar uma panorâmica geral do tempo e dos principais acontecimentos que marcaram a vida e personalidade do autor, por considerarmos que a história de cada homem tem também como condicionante a própria História, que contribui para o modelar e influi sobre o seu destino².

² Relativamente à contextualização histórica deste autor, o caminho seguro e exaustivo levado a cabo por António Reis na sua tese de doutoramento em História, com o título *Raul Proença: Biografia de um Intelectual Político Republicano*, constitui inigualável contributo.

Depois da introdução, na parte I, intitulada «Em demanda de um caminho», procederemos à análise do seu pensamento, seguindo, como dissemos, a ordem cronológica dos seus textos, que nesta parte vai de 1905 a 1910, ou seja, dos textos iniciais de matriz positivista até 1910, onde o afastamento dessa matriz é evidente.

A parte II, intitulada «Entre a política e a hipótese do Eterno Retorno», dedica-se, em primeiro lugar, a uma síntese breve do seu papel de interventor pedagógico e doutrinário na vida política e social do País através da sua colaboração n' A Águia, 2.^a série, para depois nos debruçarmos também, de forma breve, sobre o interesse por Nietzsche e pelo estudo sobre o Eterno Retorno, apontando algumas afinidades e contradições com o filósofo de Assim Falava Zaratustra e também com Miguel de Unamuno.

Na parte III, intitulada «Do 'Intermezzo' à Seara Nova», a nossa investigação foi dirigida ao ressurgir do que consideramos ter sido o sonho adiado de Proença desde 1912 com a Renascença Portuguesa, sonho concretizado com a criação do movimento e revista Seara Nova, tendo como objectivo uma reforma espiritual. Igual importância foi dada ao bibliotecário que nas páginas dos Anais das Bibliotecas e Arquivos, na rubrica «Intermezzo», evidencia a sua sede de reflexão filosófica e onde o idealista no mundo real ganha uma forma maior.

As partes IV e V, igualmente atentas à cronologia dos textos publicados, seguem o mais aproximadamente possível os seus manuscritos inéditos; constituem o cerne da nossa análise, aí incidindo sobre a filosofia do homem que elegeu a vida como valor fundamental e que a olhou pelas interrogações de ordem metafísica e religiosa, a que procurou primeiro dar respostas pela erudição³ e pela razão e às quais depois acrescentou o coração.

Finalmente, a «Conclusão», incidindo sobre o pensamento filosófico do autor, encerra o desejo de ter contribuído para uma melhor arrumação da «gaveta» que nos propusemos abrir.

Apresentar agradecimentos é para nós muito mais do que uma atitude convencional: é um imperativo da nossa consciência e do nosso coração.

Antes de mais, agradecemos penhoradamente ao nosso orientador Professor Doutor Eduardo Silvério Abranches de Soveral, nosso Mestre e Amigo, ilustre figura do pensamento filosófico em Portugal, que, com a

³ Quando dizemos pela erudição queremos significar os inúmeros estudos dos autores onde Proença pensou poder encontrar algum apoio para as suas reflexões de ordem metafísica, no sentido de dar uma razão à existência.

sabedoria por todos reconhecida, nos acompanhou nesta caminhada com grande disponibilidade e sem reservas.

Quero também salientar o meu agradecimento aos Professores Doutores Manuel Cândido Pimentel, António Braz Teixeira, António Reis, Alberto Amaral, Luís de Araújo, António José de Brito e Salvato Trigo, Patrick Bernadeau e ainda ao Padre António Bacelar.

À Imprensa Nacional-Casa da Moeda, na pessoa do Dr. António Braz Teixeira, o nosso obrigada pelo interesse na publicação deste trabalho.

À Biblioteca Nacional, na pessoa da Dr.^a Fátima Lopes, sem a qual dificilmente este trabalho teria sido possível; à revista Seara Nova, cujos funcionários foram de incedível atenção a tudo o que solicitámos; às funcionárias da Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, assim como ao Sr. Carlos da Oficina Gráfica da FLUP, a nossa gratidão.

Um agradecimento também ao Professor Doutor Luís Garcia Sotto, da Universidade de Santiago de Compostela, nosso Amigo incondicional, pelos seus preciosos conselhos e incentivos.

À Teresa, à Deolinda, à Ana Gonzalez, à D. Maria Cândida, ao Dr. Carlos Magno, à Inês, ao Dr. Alfredo Ribeiro dos Santos, à Dr.^a Manuela Gomes e aos que não sendo mencionados não esqueço.

Finalmente, à minha família, principalmente à Bárbara, ao Duarte e ao Fernando, que tantas vezes tiveram que dispensar a minha presença.

INTRODUÇÃO

O HOMEM NA SUA CIRCUNSTÂNCIA

Na verdade, o mundo exterior também para mim existe, e perturba-me o mar, os rios e as montanhas... Mas voltemos ao que forma porventura o núcleo do meu espírito e às curiosidades mais agudas. Assim, a minha voz encontrará talvez o seu próprio acento...

RAUL PROENÇA, «Sobre a existência de Deus e a lealdade da consciência», 1924.

A EUROPA NO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX

Escreveu um dia Proença que «para realizar um grande ideal» necessário se tornava «ser sôfrego de realidades»¹, sendo através delas que a vivência da sua *realidade* se foi construindo. Mas, o caminho que cada ser humano inicia é, embora único no sentido individual e existencial, precedido por caminhos por outros abertos e que no seu todo fazem a história da humanidade, o que significa também que o horizonte da vida de cada um de nós recebe dos anteriores todo um passado que inevitavelmente nos condiciona. Assim, os contextos epocais revestem-se de um significado de grande importância para melhor compreendermos o pensamento dos homens, que terá de ser visto como um pensamento *situado*, o que significa igualmente dizer que o homem é um ser situado. E, se esta é uma condição que a todos se estende, pensamos que no autor deste nosso trabalho ela é de acrescida importância.

Por isso, antes de apresentarmos o nosso autor, façamos uma breve síntese cultural, primeiro da Europa no final do século em que o autor nasce, aproximando-nos também do século xx, e depois uma síntese da cultura e pensamento que se desenvolve em Portugal pela mesma época, referindo alguns movimentos de ideias do tempo.

No século xix, os princípios da ciência e do progresso industrial foram, para além de uma constante, uma indubitável marca de identificação e mudança. Paralelamente, a racionalidade que

¹ In *Páginas de Política*, vol. I, p. 66.

fundava a ordem industrial e burocrática com um peso excessivo e redutor começará a ser posta em causa. Doutrinas e filosofias de índole espiritual começam também a ressurgir, tentando assim a filosofia conquistar um novo lugar.

As numerosas descobertas a que se assiste fazem deste século uma época criadora, conseguindo-se através de fenómenos e processos naturais o domínio científico. Século da ciência e da técnica, afirma-se a fé na ciência como última consequência de fé na razão que se havia iniciado com o Renascimento. Mas a hegemonia do cientismo trazia também uma concepção desagregadora de valores.

A ausência de uma unidade explica-se em parte por um processo de diversas formas de pensar que desembocava num certo caos de opiniões, sistemas e directrizes. O excesso de racionalismo que na Alemanha culminava com o idealismo; a filosofia pessimista de Schopenhauer (1788-1860), própria do idealismo alemão, subjectivista, são expressões do momento histórico.

A concepção do universo de tipo religioso e metafísico era rejeitada pelas novas gerações que se direccionam por especulações realistas e positivistas. Os velhos moldes que orientavam a sociedade humana são assim colocados em causa pelo desenvolvimento científico e técnico alcançado ao longo do século XIX. Surge um novo enfoque onde a vida humana não se explica através do pensamento metafísico mas parte da experiência dos fenómenos naturais. O conhecimento vincula-se à investigação. Dentro de uma certa lógica do progressivismo científico e político, o século XIX, com filósofos como John Stuart Mill, Henri Spencer e William James, apresenta um novo empirismo, nomeadamente na Inglaterra, e, fora da Europa, nos Estados Unidos.

Um forte abalo provocado por uma crise de certezas, tanto de ordem espiritual como social, leva a que se tente encontrar algo de novo que seja mais firme no sentido de levar a outras respostas para as grandes interrogações com as quais a sociedade ocidental se confronta face a uma profunda alteração.

A cultura e o pensamento nos finais do século XIX e começos do século XX, tendo em conta o amontoado de mudanças decisivas aos diversos níveis, vai, ao nível sociocultural, difundir os princípios políticos institucionais e jurídicos do chamado sistema democrático e liberal que se vai expandir um pouco por quase todo o mundo.

ÍNDICE

<i>Prefácio</i>	11
INTRODUÇÃO — O HOMEM NA SUA CIRCUNSTÂNCIA	17
1. A Europa no final do século XIX e início do século XX	19
2. Um olhar sobre o pensamento e a cultura em Portugal	22
2.1. Da Geração de 70 ao positivismo	30
2.2. Um perfil de Raul Proença: colaboração n' <i>A Águia</i> , <i>Renascença</i> Portuguesa e <i>Seara Nova</i>	34

PARTE I

EM DEMANDA DE UM CAMINHO

1. O positivismo na génese do seu pensamento: a Teoria de Malthus	63
1.1. Do esboço do monismo positivista ao espiritualismo	70
2. Contacto com diferentes tendências filosóficas	87
3. A alma de Raul Proença na <i>Alma Nacional</i>	103
3.1. Educação e moral	119
3.2. Inquietude e busca	135
4. A religião como <i>melodia interior</i>	155

PARTE II

ENTRE A POLÍTICA E A HIPÓTESE DO ETERNO RETORNO

1. Intervenção pedagógica e política n' <i>A Águia</i> , 2. ^a série	169
2. O estudo do Eterno Retorno	194
2.1. Nietzsche: afinidades e contradições	199
2.2. Convergências com o pensamento de Miguel Unamuno	207

PARTE III
DO «INTERMEZZO» À SEARA NOVA

1. Presença do sonho adiado	229
2. O bibliotecário e o pensador do «Intermezzo»	231
2.1. A moral epicurista e o homem de elite	235
3. O «Grupo da Biblioteca»: antecâmara da <i>Seara Nova</i>	241
4. A <i>Seara Nova</i> e a necessidade de uma reforma espiritual	246
4.1. Um idealista num mundo real	278

PARTE IV
EM BUSCA DO SENTIDO DA VIDA E DO QUE A EXCEDE

1. Uma ética do heroísmo da vida	287
2. A religião, o divino e o «tabuleiro da metafísica»	289
2.1. Vias possíveis da crença em Deus	303
2.2. A necessidade de um <i>ens realissimum</i>	308
2.3. Contextos e problemática do Eterno Retorno	312
2.4. Análise do Cristianismo	315

PARTE V
UMA FILOSOFIA FACE AO LIMITE

1. Contextos do regresso ao estudo sobre o Eterno Retorno	323
2. A lei moral e a «lei dos códigos»	326
3. A hipótese de uma finalidade consciente e voluntária	330
4. Da crítica de uma «filosofia do exterior» à adopção de uma filosofia do interior	333
4.1. Um finalismo espiritualista	337
4.2. A hipótese deísta	348
4.3. Intuições privadas e deísmo conjectural	357
4.4. As «satisfações da alma»	361
CONCLUSÃO	369
<i>Anexos</i>	379
<i>Fontes e bibliografia</i>	415